

ACADEMIA DE BELAS ARTES PERNAMBUCANA: ANÁLISE DA TRADIÇÃO E DA CONEXÃO NOS TELEGRAMAS DO DIRETOR JOEL FRANCISCO JAIME GALVÃO¹

Bianca do Carmo Pereira Brito²

RESUMO: Este trabalho, ao analisar 60 cópias de telegramas do diretor da Escola de Belas Artes Pernambucana, o engenheiro Joel Galvão, entre os anos de 1936 e 1941, objetiva trazer à tona os recursos de junção e as temáticas mais frequentes na escrita desse gênero, conforme o *corpus* selecionado. Possui como base os pressupostos teóricos do modelo de Tradição Discursiva, expostos em Kabatek (2006), Gomes e Iapechino (2008) e Peter Koch (2021), bem como a concepção de gênero textual de Carvalho (2005) e Bezerra (2017) e a perspectiva da Linguística Textual, pautada nas pesquisas de Antunes (2005), Oliveira e Cavalcante *et al* (2020) acerca da coesão. O gênero textual será analisado nas dimensões temática e dos recursos linguísticos de conexão, que configuram modos tradicionais de dizer próprios da natureza do telegrama. A análise temática possibilitou perceber que os telegramas possuíam temas mais corriqueiros, em sua maioria, como felicitações, pedidos e agradecimentos. Observou-se também, do ponto de vista textual, que os telegramas realizam conexões menos complexas para a construção do seu sentido. Tais constatações corroboram com a finalidade do gênero de ser objetivo e simples. Por conta dessa característica, ele abdica do uso de variedades de conexões e exige mais do seu leitor, no ponto de vista da coerência.

PALAVRAS-CHAVE: Tradição Discursiva; Telegramas; Linguística Textual; Coesão.

RESUMEN: Este trabajo, mediante el análisis de 60 copias de telegramas del director de la Escuela de Bellas Artes de Pernambuco, el ingeniero Joel Galvão, entre los años 1936 y 1941, pretende sacar a la luz los recursos de unión y los temas más frecuentes en la escritura de este género, según el *corpus* seleccionado. Se parte de los presupuestos teóricos del modelo de Tradición del Discurso, expuestos en Kabatek (2006), Gomes y Iapechino (2008) y Peter Koch (2021), así como de la concepción de género textual de Carvalho (2005) y Bezerra (2017) y de la perspectiva de la Lingüística Textual, basada en las investigaciones de Antunes (2005), Oliveira y Cavalcante *et al* (2020) sobre la cohesión. El género textual será analizado en las dimensiones temáticas y los recursos lingüísticos de conexión, que configuran formas tradicionales de decir propias de la naturaleza telegráfica. El análisis temático nos permitió darnos cuenta de que los telegramas tenían temas más comunes, en su mayoría, como felicitaciones, peticiones y agradecimientos. También se observó, desde el punto de vista textual, que los telegramas realizan conexiones menos complejas para la construcción de su significado. Tales hallazgos corroboran el propósito del género de ser objetivo y simple. Debido a esta característica, abdica del uso de variedades de conexiones y exige más de su lector, desde el punto de vista de la coherencia.

PALABRAS-LLAVE: Tradición del Discurso; Telegramas; Lingüística Textual; Cohesión.

1. Considerações iniciais

¹ Artigo apresentado como requisito de avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Soares, do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob a orientação da Profa. Dra. Valéria Severina Gomes.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, UFRPE.

O estudo de gêneros textuais que sofreram grandes modificações, até quase desaparecerem, não é muito habitual, por um lado, eles revelam um pouco das transformações que uma língua pode passar, como é o caso do *corpus* desta pesquisa: o telegrama. Durante muito tempo, a forma mais rápida de se fazer pedidos, de se dar felicitações ou transmitir mensagens mais urgentes foi o telegrama. Essa agilidade gerava um custo mais alto, já que se pagava por palavras, por esse motivo, sua escrita é quase sempre breve, poupando elementos de junção, em especial preposições, esse tipo de limitação textual “desafia o poder de síntese” (ELIAS, 2017, p. 468) do escrevente.

O trabalho desenvolvido acerca desse gênero textual, em específico nos anos de 1936 até 1941, justifica-se pela possibilidade de registrar os modos de dizer e de fazer de uma dada época, na perspectiva do modelo de Tradição Discursiva. O objetivo principal é trazer à tona os usos linguísticos e as temáticas mais frequentes na escrita desse gênero. Para tanto o *corpus* é composto por 60 cópias de telegramas, 10 de cada ano, com o mesmo remetente e diferentes destinatários. Todos os telegramas foram escritos pelo engenheiro e diretor da Escola de Belas Artes Pernambucana, Joel Francisco Jaime Galvão, e estão disponíveis no *ATTENA* Repositório Digital da UFPE³. Enquanto diretor da Escola, Galvão mantinha contato com deputados, interventores, ministros e professores, a fim de angariar auxílio para a manutenção da escola.

Além dos exemplares desta amostra, outros telegramas atribuídos ao diretor também se encontram na plataforma. Para a seleção dos que serão analisados aqui, alguns parâmetros foram estabelecidos: 1) todas cópias deveriam conter data, 2) todas as cópias deveriam estar legíveis, 3) todas cópias deveriam estar assinadas pela mesma pessoa, Joel Galvão, e 4) não poderiam possuir a macroestrutura do gênero textual carta. A partir desses quatro elementos e do objetivo de conseguir dez cópias de telegramas por ano, os seguintes documentos foram selecionados:

Quadro 1 - Telegramas selecionados por ano

Ano	Telegrama
1936	1. JG/ Governador de Pernambuco Carlos de Lima Cavalcanti; 2. JG/ Ministro Agamenon Magalhaes; 3. JG/ Presidente Getúlio Vargas;

³ Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/>.

	<ol style="list-style-type: none"> 4. JG/ Deputado Teixeira Leite; 5. JG/ Dr. Antonio Leal Costa; 6. JG/ Deputado Arsenio Meira; 7. JG/ Deputado Levino Pinheiro; 8. JG/ Deputado Souto Filho; 9. JG/ Governador Lima Cavalcanti; 10. JG/ Deputado Teixeira Leite.
1937	<ol style="list-style-type: none"> 1. JG/ Governador Carlos de Lima Cavalcanti; 2. JG/ Comandante Reis e Souza; 3. JG/ Dr. Annibal Freire; 4. JG/ Presidente Getúlio Vargas - 1; 5. JG/ Dr. Luis Delgado; 6. JG/ Presidente Getúlio Vargas - 2; 7. JG/ Cel. Candido Britto; 8. JG/ Governador Lima Cavalcanti; 9. JG/ Ministro Gustavo Capanema; 10. JG/ Presidente Getúlio Vargas - 3.
1938	<ol style="list-style-type: none"> 1. JG/ Dr. Annibal Freire; 2. JG/Renato Vianna; 3. JG/ Ministro Gustavo Capanema; 4. JG/ Presidente Getúlio Vargas - 1; 5. JG/ Viúva de José Austregesilo Lima; 6. JG/ Presidente Getúlio Vargas - 2; 7. JG/ Professor Rodolfo Lyra; 8. JG/ Diretor Geral de Educação; 9. JG/ Dr. José Campello; 10. JG/ Prefeito Novaes Filho.
1939	<ol style="list-style-type: none"> 1. JG/ Conde Dolabella Portella; 2. JG/ Dr. Américo Lacombe; 3. JG/ Pintora Georgina Albuquerque ; 4. JG/ Interventor Agamenon Magalhães; 5. JG/ Dr. José Maciel; 6. JG/ Dr. Annibal Fernandes; 7. JG/ Dr. Luis Delgado ; 8. JG/ Interventor Argemiro Figueiredo; 9. JG/ Dr. António Botto Menezes; 10. JG/ escritor Celso Mariz.
1940	<ol style="list-style-type: none"> 1. JG/ Dr. Rui Lima Silva; 2. JG/ George Goldberg; 3. JG/ Dr. Novais Filho; 4. JG/ Dr. José Campêlo; 5. JG/ Oscar Moreira Pinto; 6. JG/ Presidente Getúlio Vargas - 1; 7. JG/ Dr. Anibal Fernandes; 8. JG/ Presidente Getúlio Vargas - 2; 9. JG/ Interventor Agamenon Magalhães; 10. JG/ Conde Pereira Carneiro.
1941	<ol style="list-style-type: none"> 1. JG/ Dr. Anibal Fernandes; 2. JG/ Presidente Getúlio Vargas - 1; 3. JG/ Interventor Amaral Peixoto; 4. JG/ Presidente Getúlio Vargas - 2; 5. JG/ presidente Conselho Regional de Engenharia [CREA] de São Paulo; 6. JG/ Rubens [Cristiano] Gomes - 1; 7. JG/ Prefeito Novais Filho;

	8. JG/ subsecretário Rubens [Christiano] Gomes - 2; 9. JG/ Dr. Queiroz Lima; 10. JG/ Prof. Heitor Maia Filho.
--	---

Fonte: elaborado pela autora.

Percebe-se uma grande variedade de destinatários, desde os mais ilustres, como o ex-presidente Getúlio Vargas, até os menos conhecidos, como a viúva de José Austregesilo Lima. Essas cópias de telegramas, conforme citado, serão analisadas à luz da Tradição Discursiva, doravante TD, que seria, segundo Kabatek, “modos tradicionais de dizer as coisas, modos que podem ir desde uma fórmula simples até uma forma literária complexa” (2006, p. 509). Dessa forma, entende-se as TDs como estruturas textuais que independem da história das línguas, sendo inerentes às práticas culturais. O telegrama, por ser um gênero textual com suas características e especificações próprias, é compreendido enquanto tradição discursiva. A fim de entender os usos dos recursos linguísticos no telegrama, no âmbito da coesão e coerência, o estudo pauta-se também nos pressupostos da Linguística Textual.

A metodologia empregada para o desenvolvimento deste estudo é a pesquisa documental e bibliográfica. A primeira possibilita o estudo de um documento no momento de sua elaboração ou posteriormente, assim os telegramas serão tratados como documentos que indicam os modos de fazer e dizer do período delimitado (MARCONI; LAKATOS, 2003). A segunda insere-se no estudo intensivo de todo texto publicado que tenha relação com o tema e os objetivos desta pesquisa, posto que os trabalhos anteriores podem indicar caminhos diferentes de compreensão do *corpus* analisado.

O presente artigo está dividido em sete seções. A primeira corresponde às considerações iniciais, contendo os objetivos, justificativa, metodologia e o *corpus* da pesquisa. A segunda faz um breve resumo do perfil do autor dos telegramas. A terceira trata do conceito de tradição discursiva. A quarta traz um aprofundamento do gênero estudado. A quinta apresenta alguns pressupostos da Linguística Textual que serão utilizados na análise. A sexta consiste na análise propriamente dita do *corpus* escolhido, a fim de trazer as permanências e transformações em termos de temática e recursos linguísticos do gênero estudado. E, por fim, a sétima será destinada às considerações finais da pesquisa.

Espera-se que este trabalho contribua com os estudos históricos dos textos e da língua portuguesa no Brasil, em especial visando os usuários do estado de Pernambuco, para que se entendam os caminhos percorridos para se chegar onde está, compreendendo os modos de dizer e fazer da época em estudo.

2. Breve biografia: Joel Francisco Jaime Galvão

Joel Galvão foi um dos fundadores da Escola de Belas Artes de Pernambuco e o diretor que manteve sua posição por mais tempo, de 1936 até 1943, trabalhando incansavelmente para uma maior divulgação dessa instituição. Nascido em 1895, em Pernambuco, formado em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia de Pernambuco, atuou na Diretoria de Viação e Obras Públicas e na Diretoria de Saneamento do Recife. Foi membro, na condição de diretor, da comissão de Obras Públicas do Estado e professor catedrático efetivo de Higiene da Habitação na Escola. Escreveu um livro, “Memória de Uma Cruzada”, publicado em 1956, onde apresenta os desafios da Escola de Belas Artes de Pernambuco (TORRES, 2015).

Em função do cargo que ocupou, Joel Galvão manteve contato com notáveis figuras, como o então Governador de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti, cuja passagem pelo cargo foi breve, entre 1935 e 1937. Teve contato também com grandes nomes da história brasileira, como Getúlio Vargas, ex-presidente do Brasil, e Gustavo Capanema, ministro responsável por uma grande reforma na educação brasileira, e da historiografia pernambucana, como o Interventor Agamenon Magalhães. Além das grandes personalidades políticas, o diretor conservou contato com artistas, como a pintora Georgina Albuquerque, considerada um grande nome na área, tanto nacionalmente quanto internacionalmente, e professores, como Heitor Maia Filho e Américo Jacobina Lacombe.

3. A Tradição Discursiva

Os humanos são considerados seres sociais, para tanto necessitam se expressar e se comunicar com outros indivíduos. Essa necessidade de expressão é um tema recorrente nas análises linguísticas, Benveniste afirma que

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1976, p. 285)

Essa perspectiva é muito interessante para tratar da língua em situações de uso pretéritas e em correlação com a natureza dos gêneros textuais. Se o homem sempre esteve na linguagem e a linguagem sempre esteve no homem, a língua sempre esteve no homem, mesmo com as modificações naturalmente sofridas. O homem possui, por essência, a necessidade de comunicação, seja através de textos escritos, textos falados, gestos, expressões, entre outros. Dessa forma, no âmbito dos estudos românicos alemães, desenvolveu-se um modelo que postula a existência de arranjos textuais construídos tradicionalmente em decorrência dessa necessidade de entendimento entre os seres humanos. Tais elementos recorrentes são conhecidos como Tradições Discursivas.

A concepção da TD inicia-se na perspectiva tripartida de Eugenio Coseriu, que estabelece o nível universal, correspondendo à atividade do falar, às regras do falar, que tratam da referenciação, narração e outros usos gerais das línguas, comuns a todos; o nível histórico, que engloba os elementos de cada língua, em suas regras fonéticas, morfológicas, lexicais etc, a língua sócio-historicamente construída; e o último nível é o individual, que seria o colocar em funcionamento essa língua aprendida, transformá-la em discurso (GOMES; IAPECHINO, 2008). A compreensão desses níveis é essencial para qualquer estudo no âmbito da língua, para que se entenda e se delimite os trabalhos de acordo com os objetivos propostos.

Todos os níveis dialogam para uma efetiva comunicação e são, sempre, dependentes um dos outros. Não é possível tratar de um texto empírico, como um ato individual de utilização da língua, sem compreender o nível histórico, as tradições por trás desse falar e a linguagem em seu princípio, porém pode-se delimitar para uma investigação de natureza mais concreta. Partindo dessa divisão basilar, Peter Koch (2021) subdivide o nível histórico, acrescentando as Tradições Discursivas ou Normas Discursivas, pois compreende que há dentro da historicidade da língua, uma história dos textos. Portanto, o nível histórico das TD faz referências

aos modelos textuais, atos de fala e fórmulas recorrentes das línguas. O quadro 2 ilustra bem essa divisão:

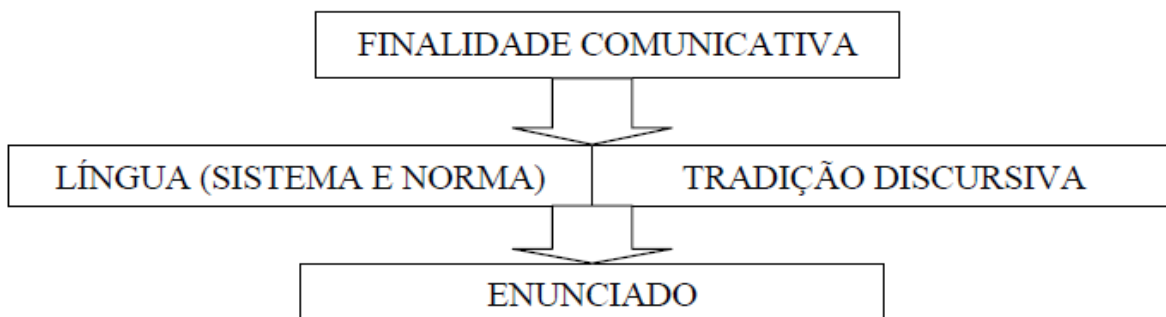
Quadro 2 - Os três níveis da língua na perspectiva coseriana.

Nível universal	linguagem { tradição discursiva língua discurso/texto/ato de fala
Níveis históricos	
Nível atual	

Fonte: GOMES; IAPECHINO, 2008, p. 42.

Dessa forma, para se chegar a língua em uso é necessário passar por alguns filtros, sendo o primeiro a finalidade comunicativa, instituída pelo nível universal da língua, o segundo, um duplo filtro, trata das tradições do dizer e as estruturas construídas historicamente, e o terceiro, o ato de fala, o discurso.

Imagem 1 - Esquema da conversão da língua em discurso



Fonte: KABATEK, 2006, p. 508

Esse enunciado final, ao passar pelos filtros anteriores, irá trazer consigo a carga de sua finalidade, do sistema linguístico em uso e da TD. Por exemplo, um enunciado cuja finalidade seja uma saudação matinal passará pela língua, que lhe fornecerá um acervo linguístico com diversas possibilidades e, passando pela tradição discursiva, se encerrará no convencional “Bom dia”, posto que ele é uma estrutura textual conservada e consagrada com o passar do tempo.

Assim, para algo ser considerado uma TD são necessários alguns parâmetros, de acordo com Kabatek (2006): 1) deve ser discursiva, o anoitecer se

repete todos os dias, mas não é discursivo, portanto não é uma TD; 2) deve haver repetições ao longo do tempo; 3) nem toda repetição de um elemento linguístico forma uma TD, a palavra “segunda” pode ser constantemente repetida, mas somente seu uso não configura uma tradição discursiva. Dessa forma, obtém-se a seguinte definição

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados. (KABATEK, 2006, p. 512)

Os gêneros textuais ou gêneros do discurso marcam essa repetição de texto, de forma e maneira particular de escrever ou falar, com uma finalidade específica. Dessa forma, podem ser compreendidos enquanto tradição discursiva e analisados por meio dessa perspectiva. Antes de adentrar nas considerações acerca do gênero e TD telegrama, se faz necessário entender qual o conceito de gênero que rege esta pesquisa.

4. Os gêneros textuais/discursivos e o telegrama

A concepção de gênero adotada aqui não realiza a distinção entre gêneros textuais e gêneros do discurso, pois, compreende-se, segundo Bezerra (2017), que não é possível dissociar a parte constitutiva do gênero (comumente associada ao “textual”, a materialidade) e seu uso (comumente associada ao “discursivo”, os sentidos construídos). O texto apresenta-se como apenas uma materialização de um propósito comunicativo, que pode ser realizado por meio de um gênero.

Os gêneros são “responsáveis por organizar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido; são os meios pelos quais vemos e interpretamos o mundo e nele agimos.” (CARVALHO, 2005, p. 133). É por meio dos gêneros que podemos construir uma comunicação efetiva com outrem. Eles são regidos pela motivação dos usuários de uma língua e são auxiliares em diferentes objetivos. Se alguém necessita relatar algo ou algum acontecimento de maneira formal para um jornal ou

revista, irá dispor do gênero notícia. Se alguém deseja conversar com um familiar que não possua aparelho celular, apesar de ser raro hoje em dia, ele pode recorrer ao gênero carta pessoal. Para cada motivação e necessidade, há um gênero à disposição.

Ainda segundo Bezerra (2017), o que ocorre em cada uma dessas situações comunicativas é a “materialização” do texto, que pode ser orientado pelos gêneros adequados a uma situação, ou seja, a partir de uma dada exigência da comunicação um texto é produzido e ele irá conter elementos estruturais ou de conteúdo de determinado gênero. Outro ponto também abordado pelo professor e pesquisador é a questão do suporte no qual o texto é veiculado. Uma notícia, por exemplo, pode ser divulgada por meio de sites, jornais impressos etc, todos seriam suportes para o gênero textual notícia e não, necessariamente, um gênero.

Compreendendo a perspectiva de gênero que rege este trabalho, também se faz necessário conhecer o gênero telegrama. Esse gênero, apesar de existir desde a invenção do telégrafo, nos Estados Unidos da América, no final da primeira metade do século XIX, só chegou ao Brasil no fim do mesmo século. Até então, a maneira mais utilizada para enviar mensagens era a carta, que demorava semanas e até meses para chegar. Seu suporte era o papel, com indicação de destinatário, remetente, localização, data e corpo do texto. A finalidade comunicativa do telegrama era bem variada, podendo servir para enviar avisos, solicitações, desejar pêsames e felicidades, informar acontecimentos etc, tudo que fosse considerado emergencial pelo escritor da mensagem. Até a popularização dos telefones era a maneira mais rápida e eficaz de comunicação, e, por isso, custava mais do que enviar uma carta comum, quanto mais palavras, mais se pagava pela mensagem.

No corpo do texto, evitava-se o uso de acentuação, sinais de pontuação, adjetivos, advérbios, conectivos entre outros, com o intuito de transmitir uma mensagem objetiva e racional de até 50 palavras. Para se chegar nessa quantidade, era permitido justapor e aglutinar palavras, abreviar fórmulas, omitir partículas como *em*, *de*, *e*, *a*, desde que o sentido da mensagem permanecesse. Essa recuperação do sentido conta muito com a contraparte do leitor, com o preenchimento das lacunas no ato da leitura.

5. A linguística textual como perspectiva de análise

A fim de analisar o telegrama em sua complexidade composicional, serão utilizados os pressupostos da Linguística Textual. Nessa perspectiva, a unidade de foco analítico é o texto, ou seja, o produto final do processo de comunicação efetiva. Segundo Oliveira, o que está em “jogo” nessa maneira de trabalhar é a “observação das relações textuais em seus variados matizes e interseções” (2013, p. 193), isto é, o texto e suas diferentes relações. Esse tipo de análise surge em um contexto onde a maior parte do tratamento linguístico era dado às unidades menores, como palavras, frases ou períodos. Ela centra-se, em sua maioria, mas não unicamente, nos estudos da coesão e da coerência textual.

No que corresponde aos estudos da coesão, Antunes (2005) define a organização textual como “essa propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda a espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática” (2005, p. 47). A autora reforça que, ao dizer que um texto é coeso, significa dizer que todas as suas partes estão bem organizadas, que não há elementos soltos. Ainda se pode problematizar a costumeira noção de que a coesão se limita aos usos linguísticos que são puramente escritos e não ocorre dessa maneira. A coesão também está presente na maneira de compreender um texto, tendo em vista que o texto deve ser compreendido “como uma ação interacional, que não se acaba em si, mas que é subjacente a atividades processuais, que envolvem aspectos linguísticos, pragmáticos e cognitivos” (CAVALCANTE *et al*, 2020, p. 22). Assim, há muitos outros aspectos que estão implícitos na coesão textual, em especial o processo de referenciação, que permite a sequencialização dos elementos do texto, bem como a manutenção da unidade temática.

Antunes (2005) apresenta três tipos de relações textuais que são proporcionadas e favorecem a coesão. A primeira é a reiteração, que se dá por meio da repetição (paráfrase, paralelismo e a repetição propriamente dita) e da substituição (substituição gramatical, substituição lexical e elipse); a segunda é a associação, que se dá por meio da seleção lexical de palavras semanticamente próximas; e a terceira é a conexão, que se dá pelo estabelecimento de relações sintático-semânticas entre termos, orações, períodos, parágrafos e blocos supraparágrafos (usos de diferentes conectores). Em função do espaço delimitado

deste artigo, apenas a relação de conexão será considerada na análise dos telegramas. O fato de muitos equívocos de coesão ocorrerem na relação de conexão faz com que muitas pessoas acreditem que, para ter um bom desempenho na escrita de um texto, basta utilizar uma boa variedade de elementos de ligação de termos, porém até mesmo o uso excessivo desses recursos pode prejudicar a compreensão do texto.

A coerência é outro elemento essencial para uma comunicação efetiva. Ela é “uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma peça comunicativa, como um meio de interação verbal” (ANTUNES, 2005, p. 176), ou seja, a coerência tem relação direta com a comunicação efetiva entre os interlocutores. Ela depende “de cada situação, dos sujeitos envolvidos e de suas intenções comunicativas, como tudo mais em relação à língua (ou relação à vida dos fatos sociais)” (ANTUNES, 2005, p. 177). Dessa forma, ela é um “princípio de interpretabilidade do texto” (CAVALCANTE *et al*, 2020, p. 28), que sempre será buscada pelos interlocutores de um texto.

A coerência pode ser estabelecida em diferentes níveis na situação comunicativa, de maneira simultânea, no sintático, no semântico, no estilístico, no pragmático etc. Assim, afirma-se que “não há coerência se os sentidos não estiverem coesivamente articulados.” (CAVALCANTE *et al*, 2020, p. 27). Compreendendo bem todos os conceitos e concepções que estão no cerne dessa pesquisa, é possível partir para as análises no tópico que se segue.

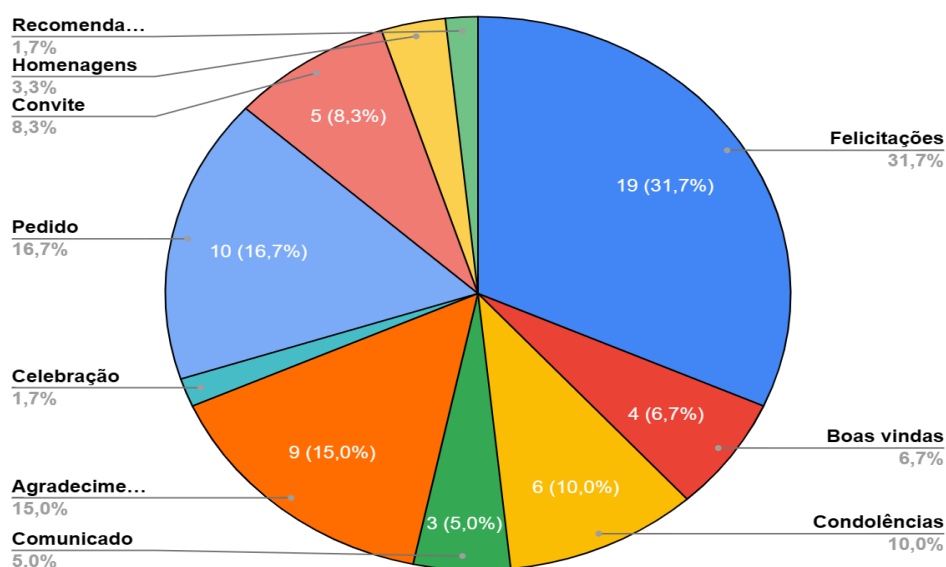
6. A linguagem do telegrama

A presente seção se debruça sobre os telegramas do diretor Joel Galvão, a fim de analisá-los em duas dimensões, a primeira de cunho temático, com o fito de perceber os tópicos mais e menos presentes no *corpus* que está em discussão. A outra será no âmbito dos recursos coesivos presentes nos textos, com a finalidade de compreender os modos de dizer tradicionais conforme a natureza dos telegramas.

6.1 As temáticas

No que corresponde às temáticas presentes no *corpus* estudado, foi possível encontrar telegramas enviados com a finalidade de desejar felicitações, boas vindas, condolências, realizar pedidos, comunicados, convites, homenagens, celebrar vitórias, agradecimentos e recomendações. Uns com mais ocorrências, como as felicitações, e outros com bem menos ocorrências, como a recomendação e celebração, conforme gráfico 1.

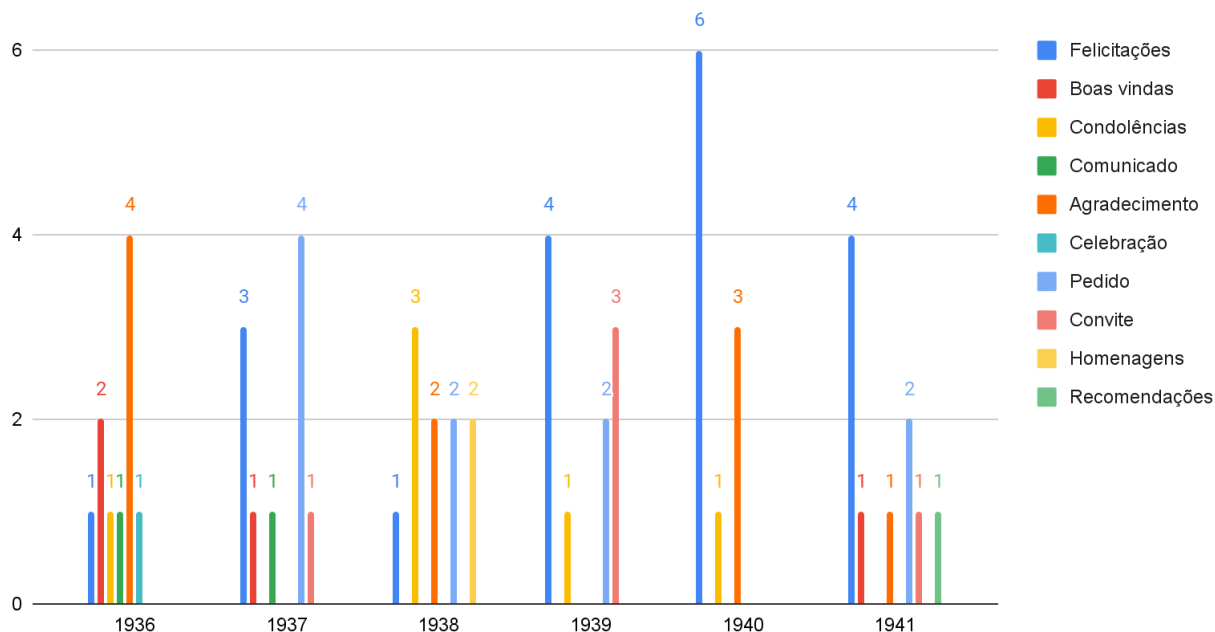
Gráfico 1 - Temáticas presentes no *corpus*



Fonte: elaborado pela autora.

Esses dados confirmam que a tradição discursiva do telegrama era usada, com mais frequência, para atos comunicativos mais imediatos como desejar felicitações, agradecimentos, condolências, realizar pedidos e convites. No gráfico 2, é possível perceber a prevalência das felicitações nos anos de 1939, 1940 e 1941, logo seguido pelo agradecimento no ano de 1936 e pelos pedidos no ano de 1937.

Gráfico 2 - Temáticas ao longo dos anos



Fonte: elaborado pela autora.

Todos os conteúdos demonstram uma finalidade comunicativa específica, o que justifica as estratégias de verbalização próprias da natureza do gênero telegrama, como vai ser observado no tópico que se segue.

6.2 A conexão na tradicionalidade do telegrama

Neste tópico, discute-se a relação de conexão em conformidade com a natureza dos telegramas da amostra. Para fins didáticos e pela própria extensão do artigo, a análise se pautará apenas na relação de conexão, segundo Antunes (2005). Ao fim, um gráfico será apresentado com as principais ocorrências em cada ano. Os outros dois tipos de análises possíveis, que correspondem a reiteração e associação, não serão consideradas, neste trabalho. No entanto, um olhar panorâmico indicou pouca ocorrência desses recursos, cuja escassez pode ser justificada pela própria natureza do gênero telegrama, que é econômico e objetivo.

Segundo Kabatek (2006), há relações textuais mais e menos complexas, sendo a condicionalidade, juntamente com a adição e a temporalidade, consideradas relações menos complexas. Por outro lado, a causalidade, finalidade e concessividade seriam vistas como relações mais complexas. Levando em conta que

Entre as ações designadas com a combinação de elementos nominais e verbais, quer dizer entre frases, os falantes e os ouvintes estabelecem relações de diferentes tipos, classificáveis segundo o seu grau de complexidade. Essas relações podem ficar implícitas ou podem ter representações na superfície textual por meio de juntores: elementos dêiticos, elementos de coordenação ou de subordinação (conjunções), construções absolutas, construções participiais, grupos preposicionais, simples preposições... (KABATEK, 2006, p. 518)

Com base em Kabatek (2006), partimos do pressuposto de que as conexões que se estabelecem em um texto têm relação direta com a TD à qual o texto pertence. A análise preliminar empreendida aqui é de cunho qualitativo, ao observar a finalidade do conteúdo expresso nos textos, como também é quantitativa, na medida em que se pode distinguir diferentes tipos de TD, a depender da quantidade de juntores ou a falta deles no texto (KABATEK, 2006).

Uma das conexões presentes no telegrama, é aquela estabelecida por causalidade. Há alguns dados no corpus analisado, como no telegrama 1939/JG/ Dr. Annibal Fernandes⁴, no qual o uso de “pelo”, marca a causa do envio do telegrama. Conforme Kabatek (2006), esse tipo de conexão é de maior complexidade.

Exemplo 1 - 1939/JG/ Dr. Annibal Fernandes

Pelo transcurso data natalicia receba illustre amigo as I felicitações muito cordiaes minhas e da Escola de Bellas I Artes II Joel Galvão I Director. (grifos nossos)⁵

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

Outro exemplo de causalidade ocorreu com a mesma temática. No telegrama 1941/JG/ Dr. Anibal Fernandes, a causa das felicitações surge na maneira como o texto é produzido e é marcado pelo substantivo “transcurso”, ainda que ele não seja um elemento próprio desse tipo de conexão. Isso demonstra que as relações entre as palavras podem ser estabelecidas de diferentes maneiras, a depender de sua organização e objetivos, sobretudo em gêneros marcados pela economia linguística.

Exemplo 2 - 1941/JG/ Dr. Anibal Fernandes

⁴ A fim de facilitar a descrição dos telegramas, eles serão apresentados na ordem ano/remetente/destinário.

⁵ Todas as transcrições foram realizadas respeitando a escrita original, visando uma análise mais fiel do próprio gênero elegido.

Levo ao ilustre e prezado amigo em meu nome e da I Escola de Belas Artes os votos felicidades **transcurso** I sua data natalicia. I Abraços I Joel Galvão (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

No que corresponde à conexão por temporalidade, considerada de baixa complexidade por Kabatek (2006), há três ocorrências bem marcadas. A primeira no telegrama 1936/JG/ Dr. Antonio Leal Costa, com o uso da expressão “até a presente data”, que marca tanto o tempo do presente da escrita do telegrama, quando do anterior, tendo em vista que não houve o recebimento da portaria.

Exemplo 3 - 1936/JG/ Dr. Antonio Leal Costa

ATÉ PRESENTE DATA NÃO RECEBEMOS PORTARIA NOMEAÇÃO FISCAL I ESCOLA BELLAS A RTES CITADA OFFICIO 4516 I Saudações I Joel Galvão, director (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

A segunda ocorrência, no telegrama 1939/JG/ Interventor Argemiro Figueiredo, consiste em que, ambos os termos que surgem “brevemente” e “próxima”, remontam a um futuro quase certo. O segundo fazendo referência a uma viagem, na qual o destinatário estará perto do remetente, e o primeiro a uma homenagem que ocorrerá por intermédio do escrevente.

Exemplo 4 - 1939/JG/ Interventor Argemiro Figueiredo

Sciencie vossencia **proxima** viagem Rio tomará navio este I porto venho convidal-o visitar Escola Bellas Artes II Pernambuco que **brevemente** renderá homenagem construindo I pavilhão receberá seu illustre nome pt II Respeitosas saudações I Engenheiro Joel Galvão I Director (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

O terceiro caso que remete à temporalidade está no telegrama 1941/JG/ Dr. Queiroz Lima, consiste no uso de “breves dias” para corresponder a um futuro muito próximo, no qual a instituição iria receber o então presidente Getúlio Vargas.

Exemplo 5 - 1941/JG/ Dr. Queiroz Lima

Comunico vossencia Concêljo Serviço Social aprovou processado I pedido aumento subvenção partir 1942 esta Escola Bellas Artes I Pernambuco devendo **breves dias** mesmo merecer arbitramento eminente I dr. Getulio Vargaspt Será para nós toda valía maximo interesse I vossencia junto presidente Republica dando assim justo amparo I aludida instituição maior desenvolvimento cultural artistico I esta terra muito se honra tem illustre amigo seu digno filho. I Respeitosas saudações II Eng° Joel Galvão.I Diretor. (grifos nossos)

Outro tipo de conexão identificada é a de finalidade, também relativamente presente nos telegramas analisados. Esse tipo de relação textual é compreendida como mais complexa na hierarquia de juntores de Kabatek (2006). Na primeira ocorrência do *corpus*, 1937/JG/ Presidente Getúlio Vargas - 1, não há um termo explícito que possa indicar essa relação, porém a construção final do telegrama objetiva trazer esse sentido, quando afirma que a subvenção pode solidificar a Escola.

Exemplo 6 - 1937/JG/ Presidente Getúlio Vargas - 1

ESCOLA BELLAS ARTES PERNAMBUCO GARTA AMPARO VOSSENCIA DESDE I INICIO LHE
DISPENSOU ATRAVEZ APPELLO ESCULPTOR BIBIANO SILVA I EM 1934, VOLTA PRESENÇA
EMINENTE BRASILEIRO CONFIADA PATRIOTICA I GESTÃO SENTIDO **ARBITRAR**
SUBVENÇÃO CAPAZ SOLIDIFICAR MOVIMENTO I FUNDAÇÃO INSTITUTO ESSE GENERO. I
Attenciosas saudações I Engenheiro Joel Galvão, I director (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

Já no telegrama 1939/JG/ Dr. António Botto Menezes, há a utilização do termo “afim”, cuja grafia está posta de maneira não habitual, devido a necessidade de abreviação do gênero estudado, por conta dos custos financeiros, e o objetivo proposto pelo texto. Nesse uso, é possível verificar essa conexão de finalidade. Essa partícula surge para indicar o fim último da passagem de Menezes pelo Recife, que seria embarcar para o Rio de Janeiro.

Exemplo 7 - 1939/JG/ Dr. António Botto Menezes

Informado illustre parahybano transitará dia 30 I Recife **afim** embarcar Rio estimaria aceitasse
convite I ora formulo visitar Escola Bellas Artes Pernambuco cuja I existencia constitue bella pagina
renuncias pessoas seus I fundadores actual corpo docente pr I Attenciosas saudações I Engenheiro
Joel Galvão. Director (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

Outras duas conexões de finalidade foram identificadas nos telegramas, por meio do substantivo “fim”, ambas no ano de 1941. Sendo a primeira no telegrama 1941/JG/ Interventor Amaral Peixoto, no qual o termo indica o objetivo do pedido da pintura.

Exemplo 8 - 1941/JG/ Interventor Amaral Peixoto

ESCOLA BÉLAS ARTES PERNAMBUCO CONGRATULA-SE VOSSENCIA GRANDE I GESTO OREANDO MUSEU PARREIRAS QUE ALEM ENRIQUECER PATRIMONIO I ESTADO xxxxxx CONSTITUE NITIDA COMPREENSÃO ARTISTICA CULTURAL I DESEJANDO PRESTAR HOMENAGEM SAUDOSO MESTRE PINTURA NACIONAL I SOLICITA DOAÇÃO UM QUADRO REFERIDO PINTO **FIM** APÔR SOLENEMENTE I SUA PINACOTÊCA. I Respeitosas saudações II Eng: JOEL GALVÃO I Diretor. (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

A segunda ocorrência no telegrama 1941/JG/Presidente Getúlio Vargas - 2, indica a finalidade da reunião que ocorreu na Escola de Belas Artes.

Exemplo 9 - 1941/JG/Presidente Getúlio Vargas - 2

Congregação Escola Belas Artes Pernambuco acaba reunir-se I extraordinariamente sessão magna comparecimento todos alunos I e numeroso publico **fim** comemorar aniversario eminente estadista I [...](grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

Um outro recurso da conexão que surge nos telegramas analisados é a adição, entendida como menos complexa, com dez ocorrências. No telegrama 1937/JG/ Governador Carlos de Lima Cavalcanti, há a adição de um cumprimento ao destinatário, por meio do verbo “aproveitar” na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, associado à elipse do termo “e” que reforça essa conexão.

Exemplo 10 - 1937/JG/ Governador Carlos de Lima Cavalcanti

Comunicando abertura cursos I Escola Bellas Artes I **aproveito** oportunidade cumprimentar I vossencia retorno viagem I sul paiz II Joel Galvão, I Director (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

No ano de 1939, há uma ocorrência com duas adições no texto, com o emprego explícito do juntor “e”, a primeira utilizada para elogiar mais o destinatário e a segunda para incluir o escrevente e a Escola nas felicitações, ambas estabelecem ligações entre termos de uma mesma oração.

Exemplo 11 - 1939/JG/ Dr. Luis Delgado

Pela sua nomeação professor Faculdade Direito I receba prezado **e** illustre amigo as justas I felicitações minhas **e** da Escola de Bellas I Artes II Joel Galvão I Director (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

Já no ano de 1940, há seis ocorrências de adição pela partícula “e” e uma de adição pelo advérbio “juntamente”. No telegrama 1940/JG/ Dr. Novais Filho, é possível encontrar ambas, conforme exemplo abaixo.

Exemplo 12 - 1940/JG/ Dr. Novais Filho

RECEBA ILUSTRE AMIGO **JUNTAMENTE** AOS DA ESCOLA BELAS ARTES I PERNAMBUCO OS MELHORES VOTOS FELIZ REGRESSO Á CIDADE QUE I DIGNAMENTE GOVERNA **E** CUJOS MUNICIPES PELOS INCONTAVEIS I MELHORAMENTO RECEBIDOS ELEGERAM-NO SEU GRANDE BEMFEITOR. I ASSICIO-ME TAMBEM SIGNIFICATIVAS HOMENAGENS RECEBIDAS I METROPOLE **E** TANTAS OUTRAS LHE FORAM PRESTADAS AQUI. II Cordialmente II Joel Galvão (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

O último procedimento de conexão identificado é o da justificação ou explicação, esse tipo de conexão enquadra-se no meio termo entre menos complexidade e mais complexidade, conforme Kabatek (2006). Há dez ocorrências dentre as sessenta amostras do *corpus*. O termo mais comum utilizado nesse procedimento é o substantivo “motivo”, com cinco ocorrências, conforme exemplo abaixo.

Exemplo 13 - 1936/JG/ Deputado Arsenio Meira.

RECEBA VOSSENCIA EM NOME CONGREGAÇÃO ESCOLA BELLA ARTES I PERNAMBUCO SINCEROS AGRADECIMENTOS **MOTIVO** APRESENTADO E NORTEADO I MAIORIA CAMARA PROJECTO CONCESSÃO DUZENTOS CONTOS APOLICES I PATRIMONIO ESTE ESTABELECIMENTO I Saudações I Joel Galvão, director (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

Outros termos também são utilizados para justificar pedidos ou explicar ações. Na maioria dos casos, a ação é o envio do telegrama. No documento 1937/JG/ Cel. Candido Britto, o “por isso” é utilizado com o objetivo de esclarecer a solicitação.

Exemplo 14 - 1937/JG/ Cel. Candido Britto

MOMENTO VISITAR QUERIDA TERRA virgula ESCOLA BELLAS ARTES I PERNAMBUCO APRESENTA VOTOS FELICIDADES pt PEDE VOSSA ATENÇÃO I MEMORIAL ENTREGUE ILLUSTRE IRMÃO MANOEL BRITTO INTERMEDIO I PROFESSOR FREI MATHIAS TEVES pt DESEJA ESTABELECIMENTO I INSTALLAR DEVIDAMENTE GABINETE EMPRESTANDO NOME

VOSSA I GENITORA NECESSITANDO **POR ISSO** AMPARO MORAL E MATERIAL I DIGNA FAMILIA HOMENAGEADA pt I Attenciosas saudações I Joel Galvão, director (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

Já no telegrama 1938/JG/ Professor Rodolfo Lyra, o “pelo” é empregado com o fito de fundamentar as condolências enviadas pelo telegrama.

Exemplo 15 - 1938/JG/ Professor Rodolfo Lyra

Receba os pêsames mais s ntidos da Escola de Belas Artes de I Pernambuco **pelo** desaparecimento saudosa genitora. II (a) Joel Galvão I Diretor. (grifos nossos)

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

Há, também, o sentido de justificação e explicação sem possuir qualquer termo linguístico explícito no texto. A falta de elementos na superfície textual não anula as possibilidades de relação de sentido. Elias (2017), ao fazer uma análise dos textos do Twitter, evidenciou que, quando há uma limitação textual, no ponto de vista de espaço, o escrevente necessita realizar um “balanceamento entre o que explicitar e o que implicar, entre o que pressupor como informação dada e informação nova” (ELIAS, 2017, p. 468) para realizar o projeto de dizer. A construção da coerência no telegrama está voltada para essas escolhas que o produtor realiza e nas complementações que são realizadas pelo leitor, tendo em vista que o ledor sempre buscará um sentido naquilo que está posto (CAVALCANTE *et al*, 2020). Esse exemplo surge no telegrama 1936/JG/ Deputado Teixeira Leite, onde Joel Galvão explica não ter ido encontrar o deputado, mas deixa suas felicitações, como apresentado abaixo.

Exemplo 16 - 1936/JG/ Deputado Teixeira Leite

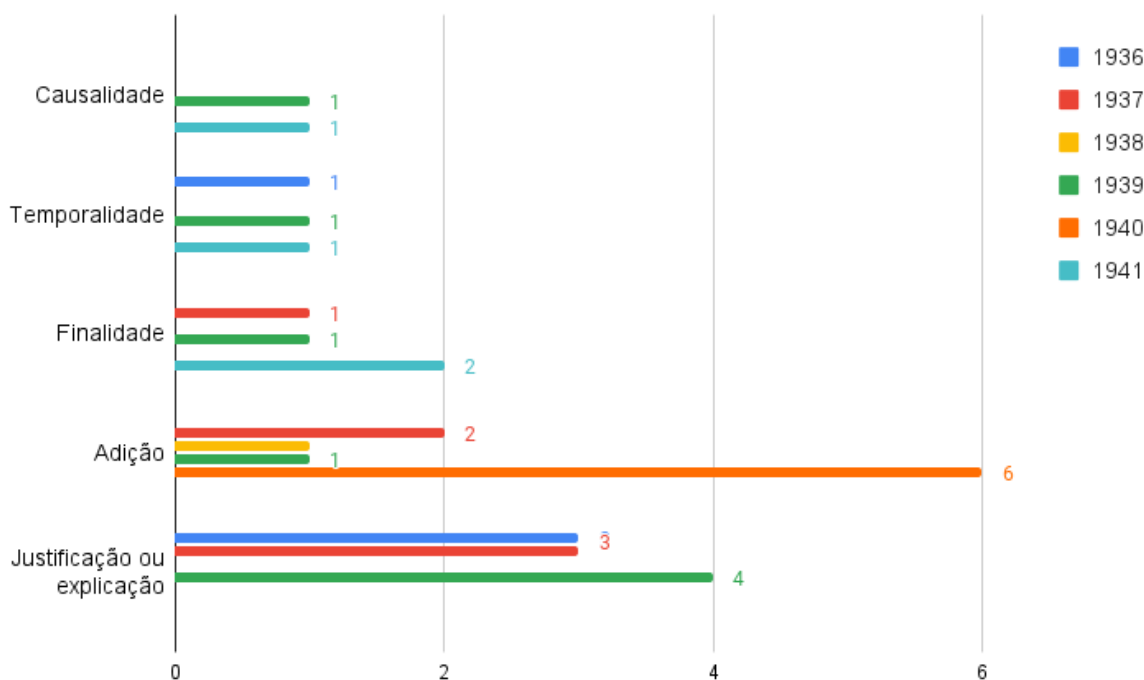
IMPOSSIBILIDADE ENCONTRAL-O RESIDENCIA, ESCOLA BELLAS ARTES I PERNAMBUCO LEVA **INTERMEDIO** DESTE VOTOS BOAS VINDAS SEU I **GRANDE AMIGO** I Saudações I (a) Joel Galvão, diretor

Fonte: Repositório ATTENA UFPE

Esses dados apresentam os usos mais e menos comuns na escrita do telegrama, entre os anos de 1936 e 1941. Eles são importantes para mostrar quais estratégias os escreventes utilizavam para transmitir suas mensagens com uma

grande economia de palavras. O gráfico abaixo exhibe, de maneira visual, os recursos mais utilizados.

Gráfico 3 - Recursos de coesão mais utilizados no corpus



Fonte: elaborado pela autora.

Os recursos mais utilizados foram o da adição e justificação ou explicação, ambos com dez ocorrências. Logo após vem a finalidade com quatro manifestações e a temporalidade com três. Esses dados demonstram uma preferência pela adição e justificação na escrita dos telegramas, verificando que a Tradição Discursiva telegrama é um gênero produzido com conexões a partir da construção de relações menos complexas, com breves ocorrências de relações mais complexas, em função da própria natureza do gênero. Tal dado corrobora com as temáticas mais frequentes no *corpus* estudado, tendo em vista que, em sua maioria, possuíam assuntos breves e de fácil construção textual.

No ponto de vista da coerência desse gênero, é possível dizer que o escrevente exige do leitor um preenchimento constante de elementos textuais para a construção do sentido, conforme apresentado anteriormente. Isso faz com que o produtor implique mais e pressuponha mais conhecimentos compartilhados com o leitor, sendo eles de cunho “linguísticos, textuais, interacionais e do espaço de

produção” (ELIAS, 2020, p. 472). Assim, como toda comunicação, ambos devem estar conscientes do meio em que estão inseridos e dos usos do gênero textual telegrama, para que a mensagem seja efetivamente passada e entendida.

7. Considerações finais

O presente trabalho verificou que o gênero textual telegrama pode ser compreendido enquanto uma Tradição Discursiva e analisado à luz desse conceito, devido a sua consolidação para atingir determinadas finalidades comunicativas, com modos de dizer repetíveis, que consolidam a natureza do gênero. Objetivando apresentar os recursos textuais mais utilizados, foi possível perceber que ele é construído, para a formação do seu sentido e transmissão da mensagem, por conexões menos complexas, como a adição, e conexões medianas, como a justificção ou explicação.

No que diz respeito às temáticas mais presentes, evidenciou-se uma grande variedade de tópicos, porém prevalecendo aqueles mais corriqueiros, como as felicitações, os pedidos e os agradecimentos. Esses dois dados, recursos linguísticos e a temática do telegrama, evidenciam a natureza dessa TD de ser econômica e objetiva. Esses resultados não anulam os usos mais complexos, como a causalidade e a substituição lexical e gramatical, porém as reforça como exceções a uma regra existente de concisão e objetividade do telegrama.

Espera-se que essa pesquisa contribua para os estudos da língua e do texto, a partir do modelo das Tradições Discursivas, bem como abram-se portas para o desenvolvimento de outras pesquisas com o gênero textual telegrama, que carece de investigações apuradas. Sobretudo são necessários estudos voltados para as suas potencialidades no campo do ensino, posto que esse gênero possibilita um estudo contextualizado e reflexivo da coesão e da coerência, verificando as diferentes relações, sintáticas, pragmáticas ou/e cognitivas e o relevante papel da interação na construção do sentido do texto de sincronias presentes e passadas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo, Parábola Editorial, 2005.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. IN: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo, Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976, p. 284-315.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões (meta)teóricas e conceituais. São Paulo, Parábola Editorial, 2017.

CARVALHO, Gisele de. Gêneros como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. IN: BONINI, Adair; MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.) **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo, Parábola Editorial, 2005, p. 130-149.

ELIAS, Vanda Maria. Linguística Textual e Ensino. IN: CINTRA, Marcos Rogério; PENHAVEL, Eduardo; SOUZA, Edson Rosa Francisco de. **Linguística Textual**: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo, Cortez, 2017.

GOMES, Valéria Severina; IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. Concepções de texto da tradição retórica à tradição discursiva. **Revista Encontros de Vista**, Recife, jan.-jun., 2008, p. 35-51.

KABATEK, Johannes. Tradições Discursivas e Mudança Linguística. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide e ALMEIDA, Norma (orgs.) **Para a História do Português Brasileiro**: novos dados, novas análises. Salvador, EDUFBA, 2006.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; SILVA, Tainan Santana da; SILVA, Yanchê Wanoll. Dimensões analíticas da linguística textual. IN: CAVALCANTE, Sávio André de Souza; LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Maria Elias. (orgs.) **Linguística geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. São Paulo, Pimenta Cultural, 2020, p. 17-41.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas Editora, 2003.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Linguística textual. IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.) **Manual de linguística**. São Paulo, Contexto, 2013, p. 193-204.

KOCH, Peter. Tradições discursivas: de seu status linguístico teórico e sua dinâmica. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 24, n. 42, jan.-abr., 2021, p. 360-401.

TORRES, Niedja Ferreira dos Santos. **O ensino do desenho na Escola de Belas Artes de Pernambuco (1932 a 1946)**. 2015. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2015.